

RELATÓRIO DE PESQUISA

FUTEBOL, COMUNICAÇÃO E ECONOMIA: INVENTÁRIO DOS “TIMES” DE FUTEBOL DAS USINAS DE AÇÚCAR DE CAMPOS DOS GOYTACAZES

FÚTBOL, COMUNICACIÓN Y ECONOMÍA: INVENTARIO DE EQUIPOS DE FÚTBOL DE LOS INGENIOS AZUCAREROS EN CAMPOS DOS GOYTACAZES

SOCCER, COMMUNICATION AND ECONOMY: INVENTORY OF SOCCER TEAMS FROM THE SUGAR MILL FACTORIES IN CAMPOS DOS GOYTACAZES

Catarine do Espirito Santo Barreto¹

RESUMO:

Este texto tem como objetivo comunicar o resultado da pesquisa sobre os times de futebol das usinas de açúcar de Campos dos Goytacazes. Entre julho de 2018 e julho de 2019 foi feito o inventário desses grandes e pequenos clubes de futebol criados pela economia da indústria açucareira. Construímos, assim, um registro formal da memória oral dos jogadores entrevistados e um relevante acervo histórico, que agora pode ser consultado por outros pesquisadores.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol amador. Usinas de açúcar. Memória. Campos dos Goytacazes.

¹ Aluna do 6º Período de Jornalismo do UNIFLU. Bolsista de Iniciação Científica do Programa de Bolsas Viva a Ciência, da prefeitura de Campos dos Goytacazes. Pesquisa realizada no âmbito do Núcleo de Iniciação à Pesquisa em Comunicação Professor Orávio de Campos Soares. Faço um agradecimento especial ao próprio Prof. Me. Orávio de Campos Soares pelo suporte e toda dedicação a este trabalho de investigação. Meus agradecimentos também aos profissionais técnicos do UNIFLU: ao cinegrafista Armando Ribeiro, que registrou todas as imagens e entrevistas do documentário que produzimos ao final da pesquisa, bem como a Maurício Carneiro pela edição do material. E-mail: cacasbarreto1@gmail.com

RESUMEN:

Este texto tiene como objetivo comunicar el resultado de la investigación sobre los equipos de fútbol de los ingenios azucareros en Campos dos Goytacazes. Entre julio de 2018 y julio de 2019, se realizó un inventario de estos clubes de fútbol, grandes y pequeños, creados por la economía de la industria azucarera. Por lo tanto, construyendo un registro formal de la memoria oral de los jugadores entrevistados y una historia relevante, ahora pasibles de consulta por otros investigadores.

PALABRAS CLAVE: Fútbol. Ingenios azucareros. Memoria. Campos dos Goytacazes.

ABSTRACT:

This text aims to communicate the result of the research on the soccer teams of Campos dos Goytacazes sugar mills. Between July 2018 and July 2019, an inventory of these large and small soccer clubs created by the sugar industry economy. Thus, it was built a formal record of oral memory of players interviewed and a relevant historical collection, which can now be consulted by other researchers.

KEYWORDS: Amateur soccer. Sugar mill factories. Memory. Campos dos Goytacazes.

1 – INTRODUÇÃO

A cidade de Campos dos Goytacazes, nascida nas articulações político-econômicas das Capitânicas Hereditárias (1532-1534), em que a Capitania de São Tomé se destacava em função de suas glebas próprias para o desenvolvimento agrícola e pastoril, com ênfase para a cana de açúcar, sempre se destacou no cenário nacional, desde os primórdios da colonização, tendo sido considerada uma das mais importantes do país, como uma urbe inovadora em várias atividades.

Dentre outras atividades, os esportes sempre foram muito auspiciosos, em particular as regatas aproveitando o Rio Paraíba do Sul; e o futebol que, igualmente como em outras cidades brasileiras, começa a se organizar, com maior intensidade, após a proclamação da República, ocorrida em 15 de Novembro de 1889, pelo Marechal Deodoro da Fonseca, como uma resposta política das chamadas classes dominantes em virtude da Família Real haver libertado os seus escravos.

A luta entre colonizadores e os nativos sempre foi motivo de observações por parte de historiadores. O escritor Alberto Frederico de Moraes Lamego, em “**Terra Goitacá**” – considerada a obra principal sobre a historiografia da região norte e noroeste fluminense – já afirmava que, em 1549, às margens do Rio Managé (atualmente Rio Itabapoana), por iniciativa do donatário Pero de Góis da Silveira, havia uma próspera iniciativa econômica que, infelizmente, não prosperou porquanto a sanha dos índios superou as expectativas do desenvolvimento lusitano.

Mas, a efetiva colonização da região somente iria começar em 1627, quando o Governador-Geral, Martim Corrêa de Sá, doou algumas glebas da capitania a Sete Capitães, em reconhecimento pelo seu heroísmo nas lutas contra os índios e piratas na colonização das terras: Miguel Maldonado, Miguel da Silva Riscado, Antônio Pinto Pereira, João de Castilhos, Gonçalo Corrêa da Sá, Manuel Corrêa e Duarte Corrêa, que construíram, em 1633, currais para gado, próximos à Lagoa Feia, numa região denominada de Campo Limpo.

Dos sete capitães, apenas Miguel Riscado se estabeleceu nas terras recebidas. Os demais alugaram as áreas que lhes cabiam a colonos ou as doaram aos padres jesuítas e beneditinos. O Governador do Rio de Janeiro, Salvador Corrêa de Sá e Benevides, em 1648, conseguiu a doação das terras da Capitania de São Tomé, que, desde 1615, passara a chamar-se Capitania da Paraíba do Sul, para seus filhos Martim Corrêa de Sá e Benevides, Primeiro Visconde de Asseca, e João Corrêa de Sá. Em poucos anos, a povoação prosperou, sendo elevada à categoria de vila em 29 de maio de 1677.

Iniciou-se, assim, um longo período de violentos conflitos de terras que envolviam, de um lado, os Asseca e, de outro, os descendentes dos sete capitães e criadores de gado. Foram 100 anos de domínio dos Asseca, até que, em 1748, explodiu um levante chefiado pela fazendeira Benta Pereira que, aos 72 anos, a cavalo e armada de pistolas, chefiou o combate, que acabou por derrotar os Asseca.

Não tardou, porém, a repressão ao levante, ordenada pelo Governador do Rio de Janeiro, que devolveu o poder aos derrotados. Finalmente, em 1752, apesar dos protestos dos Asseca, a Capitania do Paraíba do Sul foi incorporada à Coroa Portuguesa, tendo sido, um ano depois, anexada à Capitania do Espírito Santo, somente voltando a pertencer à Província do Rio de Janeiro em 1832.

No ano seguinte, 1833, foi criada a Comarca de Campos e, em 28 de março de 1835, a Vila de São Salvador foi elevada à categoria de cidade com o nome de Campos dos Goytacazes, exatamente quando os canaviais começaram a se estender pela planície.

Por sua arquitetura eclética, a cidade é considerada um museu a céu aberto – ficando atrás só da cidade do Rio de Janeiro. O município foi palco de importantes acontecimentos: recebeu quatro vezes o imperador D. Pedro II, foi a primeira da América Latina a ser dotada de luz elétrica, teve um campista – Nilo Peçanha - na Presidência da República e alguns no governo estadual.

A cidade se sobressai, ainda, por seus prédios históricos, o patrimônio cultural (as danças típicas, como o jongo e a Mana Chica; a Lenda do Ururau da Lapa; as festas tradicionais, tendo como matriz as festas em louvor ao Divino Espírito Santo; as bandas civis centenárias) e a fabricação de dois doces tradicionais: o chuisco e a goiabada.

A descoberta de petróleo e gás natural na plataforma continental da Bacia de Campos propiciou o aumento significativo da receita municipal nos últimos anos, por meio do recebimento de *royalties* excedentes e participações especiais.

Em 1837, com o aparecimento da ferrovia, facilitou-se a circulação de bens e pessoas transformando o município no maior centro ferroviário da região. A grande riqueza de Campos no séc. XIX pode ser creditada à expansão da produção açucareira, inicialmente apoiada pelos engenhos a vapor e mais tarde substituída por usinas.

2 – PRIMEIRA USINA DE CANA

Em 1875, a região contava com 245 engenhos de açúcar e, por volta do ano de 1879, foi construída a primeira usina, batizada como Usina Central do Limão, concentrando os meios de produção em torno de uma ideia cooperativa.

Com a Usina Central do Limão, Campos foi primeira do Brasil a possuir uma usina de açúcar particular, ou seja, sem a concessão de benefícios oferecida pelo governo na política de engenhos centrais. A Usina reestruturou-se em 1877 e entrou em funcionamento em 1879, propriedade do empresário João José Nunes de Carvalho. Este fazendeiro empreendedor montou de forma particular a usina, na

fazenda do Limão que herdou de seu pai, com maquinários importados de uma empresa francesa.

À época da fundação da Usina do Limão, o evento repercutiu nacionalmente, a ponto de o imperador D. Pedro II oferecer ao empresário campista título de nobre, que José Nunes recusou alegando ser avesso a honras e distinções.

A Usina do Limão não existe nos dias de hoje. Foi levada a hasta pública e adquirida pelo Cel. Francisco Ribeiro de Vasconcelos, que foi proprietário de outras usinas em Campos. Demolida, seus maquinismos foram transferidos para Carapebus, que na época era uma região pertencente ao município de Macaé; onde o proprietário montou uma nova usina.

No ano de 1880 seria criada mais uma usina de açúcar na cidade, a Usina do Queimado, pelo comendador Julião Ribeiro de Castro, com maquinários ingleses importados. Em 1906, Vicente de Miranda Nogueira adquiriu a Usina do Queimado.

Nessa época seria muito improvável que um descendente de fazendeiro escravagista, como Vicente, que era neto do Barão de São José (José Inácio da Silva Pinto), e sobrinho do Barão de Miranda (Júlio de Miranda e Silva), conseguisse permanecer como grande produtor de açúcar na região. Mas havia uma “brecha” para o enriquecimento, que era a prática de empréstimos a juros, sendo assim o principal meio de enriquecimento de muitos poderosos da época, como era o caso de Vicente Nogueira, já que possuía grande número de contratos de dívida com hipoteca, e era um dos que fornecia os maiores valores.

Os descendentes de Vicente de Nogueira foram proprietários da Usina do Queimado até o século XXI, e a usina funcionava mesmo considerada de pequeno porte. Atualmente o setor fabril da Usina do Queimado foi transformado em casa noturna, mas sua arquitetura permanece como herança através dos tempos.

Outras usinas criadas foram: São José, cujos maquinismos receberam bênção em Nove de julho de 1883; São João, inaugurada em 24 de junho de 1884 pelo Cel. Francisco Antônio Pereira Lima, e pelo major Manoel Manhães Moreira; Santa Cruz, de propriedade do Barão de Miranda, inaugurada em 04 de agosto de 1884; a Usina do Outeiro, de propriedade do Dr. Rodrigues Peixoto; e a Usina de Sapucaia, pertencente ao visconde de Santa Rita, que entrou em funcionamento, também, em 1884.

2.1 – CELEIRO DE CRAQUES

Não poderíamos deixar de citar o desenvolvimento dos esportes na velha província, com ênfase para o futebol, que sempre se projetou nos campeonatos do antigo Estado do Rio e, enquanto pode, conseguiu manter-se entre os primeiros clubes da categoria principal do Campeonato do Estado do Rio, chamado, inexplicavelmente, de Campeonato Carioca, pela imprensa da capital do Estado.

Além de toda sua história vinculada à cana-de-açúcar, Campos dos Goytacazes também possui relevante conteúdo quando se trata de futebol. Diversos foram os times oriundos das usinas que tiveram, com alguns de seus jogadores, uma representatividade e importante sustentação para os dois principais clubes da cidade – Americano e Goytacaz, Rio Branco e Campos AA - por período significativo de suas respectivas histórias.

Além dos jogadores oriundos das próprias usinas, porquanto até mais ou menos os anos 50 do século passado, dois terços da população moravam na zona rural, os clubes açucareiros possuíam boas equipes, reforçadas por jogadores da cidade atraídos para o interior, uma vez que os parques industriais ofereciam trabalho num tempo em que o jogador de futebol ainda não tinha o status dos atletas atuais. Nas usinas podiam exercer suas funções e, também, exercitar seus talentos futebolísticos.

Com isso, é importante conhecer a história dos times das usinas de cana-de-açúcar de Campos dos Goytacazes e apresentar clubes-campistas e não campistas que desfrutaram de tais componentes tão ricos da nossa cultura açucareira.

Os times formados por trabalhadores nas usinas, em sua maioria, não chegaram a disputar pela Liga Campista de Desportos, jogos oficiais, participando somente de torneios amadores. Muitos são da primeira fase do futebol, que vai da sua origem, no início do século passado até o profissionalismo, em 1952, quando se sagrou campeão, o Clube Esportivo São José, exatamente um time, denominado de “glorioso”, da Usina São José, em Goytacazes.

Mas, chegaram a disputar o Campeonato Campista de Futebol Profissional, além do São José (Vermelho, Azul e Branco), também o São João, da usina da família Lisandro (Verde e Amarelo); Cambaíba, de Heli Ribeiro Gomes (Azul escuro

e branco); Paraiso de Tocos (Azul claro e branco); e Sapucaia, da família Coutinho (Rubro e Negro), na época dirigida por Francisco Gaioso y Almendra.

Historicamente, esses clubes de usinas disputavam o certame contra os times citadinos, como o Americano Futebol Clube (Preto e Branco), Goytacaz Futebol Clube (Azul e Branco), Esporte Clube Rio Branco (Róseo e Negro), Municipal Futebol Clube (Vermelho e Azul) e Campos Atlético Associação (Roxo e branco, o famoso “Roxinho” do Parque Leopoldina.

2.2– CLUBES AMADORES

Outros clubes, mesmo na época profissional, mantiveram-se no amadorismo e quase todos, como os profissionais, sofreram com a queda da economia açucareira a ponto de a maioria nem mais existir. Mas, podemos registrar os mais importantes: Pinheiro Machado (Santo Amaro), União e Aliança (Queimado), Ipiranga (Morro do Coco), Atlético (Goytacazes), Santo Antônio (Beco).

E mais: Martins Laje (Martins Laje), Rio Preto (Morangaba), Palmeiras e Liberal (Cambaíba), Tamandaré (Santa Maria), União de Santa Cruz (Santa Cruz), Nacional (Saturnino Braga), Comercial (Conselheiro Josino), União de Ururaí (Cupim), Cruzeiro (Poço Gordo), Estrela (Ponta da Cruz), Santo Eduardo (Santo Eduardo), Esporte Clube Italva (do então distrito de Italva, que se emancipou de Campos em 1986); e Cardoso Moreira Futebol Clube (o distrito também obteve a sua emancipação político administrativa em 1989).

Estes clubes eram amadores e afiliados à Liga Campista de Desportos e disputavam torneios da zona industrial com fundamentos amadores. Mas, podem-se imaginar quantos outros clubes, não filiados, existiram (e ainda existem) na zona rural do Município de Campos dos Goytacazes, bem como na periferia do centro urbano, onde os campinhos de pelada continuam sendo sagrados para a meninada fazer sua iniciação na esperança de se tomarem craques de futebol.

2.3– FALÊNCIA DAS USINAS

A década de 1970, por causa do que se denominou na economia como “Milagre Brasileiro”, no apogeu do “Golpe Militar de 1964”, foi terrível para a

economia açucareira. Depois de o açúcar ganhar uma cotação extraordinária na Bolsa de Nova Iorque, por causa da defasagem dos produtores latino-americanos, de repente (nada mais que de repente), os preços caíram, vertiginosamente, e os parques industriais não tiveram como pagar as dívidas para com o governo, que lhes financiou a reforma de todas as usinas, no afã de produzir muito mais para fins de exportação.

Isso foi um baque. Entre o final dos anos 60 e ao longo dos 70, a agroindústria do açúcar, ainda, era muito importante no contexto do Norte Fluminense, significando mais de 50% da renda da região e 70% da renda do Imposto de Circulação de Mercadorias em Campos. Mas é verdade também que tal setor da atividade econômica já estava em franca queda produtiva.

O ano de 1970 demonstrava que existia um gargalo de dificuldades nas empresas açucareiras, de forma bastante clara. Na mistura de otimistas, de satisfeitos etc., existiam os que vivenciavam preocupações, noites indormidas e observavam a marcha dos acontecimentos. As usinas passaram a sofrer com gargalos de infraestrutura (as estradas para o escoamento da produção eram péssimas), grande estagnação tecnológica, a liquidez decaía enormemente e o nível de endividamento crescia assustadoramente.

Como resultado desse estágio de desenvolvimento, a produtividade das usinas despencava. Naqueles terríveis anos 70 para a economia açucareira, a região perdia de 20 a 30% de sua capacidade produtiva, sem solução a curto, médio e longo prazo. Com a persistência desse quadro, os anos 80 testemunhariam o fechamento de várias usinas, destacando-se as de Novo Horizonte, Santa Maria, Outeiro e Queimado. Usinas tradicionais e outrora pujantes como Outeiro, Cambaíba e São José se arrastavam sob o peso de dívidas, incúria e improdutividade.

A economia degenerada acabou com os times de futebol. Trata-se de uma história interessante e entrelaçada por lances de disputas e participação da sociedade nos momentos de ludicidade e de grandeza esportiva, considerando que os clubes das usinas, de certa forma, fizeram frente aos times da cidade, logrando sagrarem-se campeões, em várias oportunidades.

Nosso objetivo, ao longo da pesquisa, foi trabalhar no inventário dos clubes de futebol criados, no tempo do apogeu da agroindústria sucroalcooleira do Município de Campos dos Goytacazes, no período compreendido entre os anos 40 a

70 do século passado (e que se extenua com o fim do chamado “Milagre Brasileiro” (1972-1975) uma vez que se constituem, pela visão da antropologia, num excelente acervo histórico que, em tese, não pode ser perdido e deve (MARCUCHI, 2012) ser devidamente registrado pelo letramento, porquanto parte dessas narrativas encontram-se, ainda, nos períodos impressos da época, arquivos particulares de antigos desportistas e, sobretudo, na cabeça embranquecida dos mais velhos.

Parte considerável do aludido acervo foi levantada através de nossas pesquisas junto à Liga Campista de Desportos e às sedes de alguns clubes ainda em atividade, embora sem o fulgor dos tempos de fartura nos parques industriais – importantes meios de produção de riquezas e que hoje se encontram em processo de degenerência, o que, como um a hecatombe, desabou sobre os clubes de futebol.

O objetivo foi, portanto, uma vez passando da memória oral para a memória histórica (LE GOFF, 2011), fazer com que o acervo fosse disponibilizado à comunidade e se tornasse acessível às novas gerações de pesquisadores sobre esses momentos importantes e decisivos da história das usinas e seus incríveis clubes de futebol (PAUL VEYNE), vencidos pelo “espírito do tempo” (MORIN, 1998), concorrendo para isso, também, outras motivações produzidas pela fusão do Estado da Guanabara e do antigo Estado do Rio de Janeiro, em 1975.

3 - RELATÓRIO

Realizamos aprofundados estudos, com leituras de vários livros, sobre os fundamentos teóricos e metodológicos das pesquisas qualitativa e quantitativa, necessárias para o embasamento científico do trabalho, de modo a se produzir um material de alta relevância para a memória histórica do desporto do município de Campos dos Goytacazes, considerando que, embora do processo tenham participado vários jornalistas/escritores, o conteúdo histórico estava disperso em diferentes registros impressos, sem contar o que tivemos que reunir através de pesquisas iconográficas em bibliotecas e no Arquivo Público “Waldir Pinto de Carvalho”, onde parte da memória desta cidade hiberna à espera de pesquisadores que lhe desperte, por intermédio de atualização, e a torne acessível à juventude estudiosa.

Das leituras, com o objetivo de ampliar/alcançar nossos objetivos, escolhemos outras de caráter científico, podendo destacar Martin Heidegger (*“Conferências e Escritos Filosóficos”*), Edgar Morin (*“Cultura de Massa no século XX - O espírito do tempo”*), Paul Marie Veyne (*“Como se Escreve a História”*) e Jacques Le Goff (*“História e Memória”*), além de outras publicações alusivas ao entendimento de que a memória oral pode ser transformada em memória histórica, desde que tenhamos a consciência e a necessidade de uma defesa teórica mais viva e consistente.

Lógico se pensar que esses autores, não desprezando outros que atuam na mesma linha de pensamento, nos fortaleceram (e muito). Hoje podemos justificar que o nosso trabalho, embora não tenha, ainda, melhor aprofundamento antropológico, pode ser visto como prova inercial de sua importância para a história desportiva da cidade, uma vez que, sem as luzes ora sendo produzidas, dificilmente as novas gerações teriam, no futuro, conhecimento dessas riquezas (quase que arqueológicas).

Estamos demonstrando, fruto de nossas pesquisas, um passado de glórias para o futebol e, sobretudo, quando o chamado esporte bretão da planície, desafiando o próprio tempo (Heidegger), foi pioneiro em vitória sobre o escrete uruguaio, promoveu a primeira partida de futebol noturno da América Latina, em 1914 e, entre outros pioneirismos, realizou o primeiro campeonato de futebol feminino, reunindo Americano, Goytacaz e Rio Branco, em 1930, quando se sagrou campeão o róseo-negro de tantas tradições.

Em busca do que já existe/existia, como produção editorial muito limitada, como não poderia deixar de ser, recorremos a outras leituras fragmentadas sobre parte da história do futebol campista, através de jornalistas escritores da estirpe de Nilo Terra Arêas (*“Almanaque Esportivo do Jubileu de Ouro do Futebol Campista”*), Paulo Ourives (*“História do Futebol Campista”*), Hélvio Santafé (*“Centenário do Futebol de Campos dos Goytacazes”*), e Wesley Machado (*“Saudosas Pelejas”*). O jornalista Pérís Ribeiro ganha um destaque especial dentre outros escritores pela sua permanência e assunção enquanto agente apaixonado pelo futebol-arte. Dele destacamos e lemos os seguintes livros, todas de alcance nacional (e esgotados): *“O Brasil e as Copas”* (1986); *“Didi – O Gênio da Folha Seca”* (1993) e *“Em Cima do*

Lance” (2001), através dos quais ele marca, com linhas indeléveis, a saga e a glória do futebol campista, elevando-o ao pódio nacional, como o caso, em especial, de nosso Didi, que saiu do Goytacaz para se destacar no glorioso de General Severiano – o Botafogo.

Embora sem a consistência dos jornalistas desportivos, também fizemos incursões pelas obras de Horácio de Souza (“*Cyclo Áureo*”); e Hervé Salgado Rodrigues (“*Campos – Na Taba dos Goytacazes*”), um eterno torcedor do Goytacaz, que o fazia com a mesma paixão com que o jornalista Nelson Rodrigues (irmão de Mário Filho, que dá nome ao Estádio do Maracanã) falava sobre o Fluminense, na sua coluna publicada na “Última Hora”, com o título de “À Sombra das Chuteiras Imortais”.

Realizamos o levantamento de material iconográfico - fotografias antigas, filmes, recortes de jornais e revistas, diplomas, súmulas de jogos, livros de atas, livros de conta corrente e outras raridades encontradas nos arquivos dos clubes e mesmo em poder de particulares - na sede da Liga Campista de Desportos, onde se encontram, embora dispersos, documentos importantes narrando os feitos de nosso futebol e, em particular os das usinas Cambaíba, São José, Paraíso de Tocos, São João e Sapucaia, que, por beneplácito da contabilidade do IAA – Instituto do Açúcar e do Alcool – podiam investir em atividades culturais, sociais e desportivas com seus funcionários.

3.1 – PESQUISA DE CAMPO

Realizamos as pesquisas de campo junto às comunidades da extinta Usina São João e Sapucaia, situadas, respectivamente, à margem esquerda do Rio Paraíba do Sul; e margem direita do Rio Muriaé, com excelentes resultados. Bem como as Usinas de São José e Paraíso de Tocos, ambas na Baixada Campista – lugar universalizado pela obra do imortal José Cândido de Carvalho, com destaque para o seu “O Coronel e o Lobisomem”. Nos espaços, embora degradados pela ação do tempo, fizemos o levantamento de materiais, fotografias, filmagens e realizamos entrevistas com antigos próceres dos desportos dos distritos. O cenário hoje mostrase amarelado como uma foto antiga, mas as novas gerações conservam o palco de

suas atuações desportivas, agora não mais com o calor das disputas cidadinas e hoje muito mais com a disposição de continuarem a manter o futebol como ponto destacado do lazer e do entretenimento.

A pesquisa foi dividida em etapas. Primeiro, foi feito um levantamento bibliográfico para buscar melhor entender os times pesquisados e, por final, a pesquisa de campo, que, dentro da logística possível e mesmo com problemas técnicos que dificultaram a máxima produção, foram adequadas à realidade, tendo em vista falta de material humano para a melhor narrativa das histórias.

O local onde se teve um acesso importante de fotos foi na Liga Campista de Desportos (LCD), cuja sede centenária hoje está estabelecida no antigo prédio histórico da Avenida Alberto Torres, antigo espaço do Clube Carnavalesco “Os Macarronis”. São histórias que se entrelaçam e, provavelmente, alguém vai falar, ainda, sobre os clubes de futebol e o tríduo momesco, como a participação destacada das representações do Goytacaz, Americano, Rio Branco e Campos AA. Quem ainda se lembra da “Mama na Burra” e dos “Mosqueteiros da Baixada”, com as cores do Goyta-Cano, prélio, inclusive, tombado como patrimônio imaterial da cidade?

De lá também foram coletadas informações referentes às datas de fundação dos times, cores de uniforme, fotos de jogos, troféus e diversas equipes. Mas, mesmo assim, algumas informações se perderam no tempo, como descrição de fotos através das quais não se consegue revelar os nomes dos atletas; as datas de filiação na LCD e outros detalhes que seriam importantes para o pesquisador.

Inicialmente foi feito um relatório de todos os times de todas as usinas de cidade, porém parte do material bibliográfico, infelizmente, não pode ser recuperada. Provavelmente perdeu-se nos escaninhos da própria história por negligência de seus antigos dirigentes, consubstanciando a ideia de que do passado somente conseguimos recuperar fragmentos e não a história em sua completude.

3.1.1 – Usina São João

A primeira usina visitada foi a São João, durante a qual fui em companhia da professora Simone Barreto e o cinegrafista do UNIFLU, Armando Ribeiro. Ao chegar

ao campo da usina, percebemos que havia pessoas morando no entorno do campo e ao questioná-los para saber se conheciam alguém que tivesse jogado no time na época do funcionamento da usina, ninguém soube dizer. Apenas indicaram um senhor de apelido “Tinezio”, que tomava conta do campo. Depois de encontrá-lo, conseguimos convencê-lo a gravar, mas ele dizia, sempre, que não sabia de quase nada dos times daquela época e quem poderia falar seria, como foi, o ex-jogador Joézio da Silva Barreto, que havia jogado em um desses times vencedores.

Em outra oportunidade, depois de várias tentativas, a equipe, desta vez com a coordenadora Jacqueline Deolindo e o cinegrafista Armando Ribeiro, conseguiu marcar com seu Joézio e usou como cenário o próprio campo da usina, hoje sem as arquibancadas de madeira, onde existiam as cabines para os narradores esportivos. O ex-jogador falou sobre sua passagem, não só no time da Usina São João (chamado Esporte Clube São João), como em outros clubes da cidade, sobre jogos marcantes e outros jogadores que jogaram com ele e saíram de Campos para jogar em grandes clubes pelo Estado do Rio de Janeiro.

3.1.2 – São José

Outra pesquisa de campo foi feita no mesmo dia, no feriado de 1º de Maio, nas Usinas São José e Paraíso de Tocos. A equipe foi composta, também, pelo professor Orávio de Campos e o cinegrafista Armando Ribeiro.

A primeira parada foi no campo da Usina São José – o antigo e vibrante “Estádio da Vitória”, construído nas posses do parque industrial, pela sua diretoria, nos anos 40 do século passado. Naquele momento estava sendo realizado um jogo de futebol amador por trabalhadores de diferentes empresas, que alugaram o espaço, agora restrito a uma parte do que era o campo original, para uma confraternização pelo dia do trabalho.

Procuramos pelo personagem, conhecido por Índio (Francisco Carlos Ribeiro Gomes) que foi jogador do Cambaíba e, atualmente, mantinha uma escolinha de futebol no campo do São José. Depois de encontrá-lo, a entrevista foi gravada e Índio falou sobre sua carreira, jogadores que saíram de Campos para jogar em outros estados e sobre jogos marcantes durante sua trajetória esportiva.

Na antiga sede, Índio, que também atuou pelo São José e pelo Americano, expõe num antigo pôster sobre sua participação como jogador de futebol. Ufana-se de ter sido um dos grandes marcadores de Zico, o Galinho de Quintino, estrela principal do elenco do Flamengo. Por pura modéstia não citou que também foi considerado um exímio marcador, mas com jogadas leais, do atacante Roberto Dinamite, do Vasco da Gama, na época em que o clube da colina tinha em suas hostes uma verdadeira seleção.

Também o estádio, embora o campo esteja em boas condições, não reflete o que foi no passado, inclusive na época em que o São José sagrou-se o primeiro campeão da divisão profissional da Liga Campista de Desportos, em 1952. As arquibancadas foram retiradas, a sede principal, onde havia, também, um clube de festas, foi extinto e abandonado pelos atuais proprietários, sofrendo, ainda mais, com a crise estabelecida depois que a COAGRO encerrou com sua parceria e se deslocou para o parque sucroalcooleiro de Sapucaia.

3.1.3 – Usina Paraíso de Toco

Após a saída de São José, a equipe foi para o campo do Paraíso de Tocos e lá encontrou várias pessoas, que também estavam usando o campo do Paraíso de Tocos para a confraternização no feriado nacional. No local, apenas o atual técnico do Paraíso de Tocos, José Elias Soares Rosa, também conhecido como “Elias Abreu”, quis falar sobre os times da época. Falou, também, sobre sua carreira e sobre a vontade de reerguer o time amador do Paraíso, que ainda existe, mas dessa vez sem o apoio da Usina, distante do tempo em que os proprietários franceses investiam pesado em seu time de futebol, nas escolas dos operários e na Sociedade Musical Nossa Senhora da Penha, inclusive construindo para esta um portentoso centro, onde eram realizadas festas e famosos bailes de carnaval.

3.1.4 – Usina Sapucaia

Em outra visita, a equipe foi na Usina Sapucaia, para filmar a produção de cana-de-açúcar e mostrar parte do processo também do álcool. Lá, a equipe foi composta pelo professor Orávio de Campos e o cinegrafista Armando Ribeiro.

Como em outras usinas, o cenário do estádio é o mesmo. Muro sendo destruído pelo tempo, a macega crescendo no entorno, arquibancadas desfeitas pelo tempo e a desolação em todos os lados, até mesmo no acesso, depois de se passar por um correr de casas populares, onde ainda residem antigos operários da usina dos tempos do Senador João Cleófas que, sem dúvida, foi o maior investidor dos tempos áureos da produção do parque industrial.

4 – DIFICULDADES

Devido à falta de informação completa disponibilizada tanto na internet, como nos documentos que tratam do assunto, tivemos dificuldades em conseguir um acervo maior de conteúdo iconográfico. Apesar de termos acesso junto à Liga Campista de Desportos para o levantamento de material, sobretudo fotográfico, algumas informações e identificação de fotos foram, infelizmente, perdidas no tempo. Além disso, a logística foi outro ponto em que as dificuldades apareceram devido à distância entre as usinas. Também vale destacar a falta de “consciência” dos velhos jogadores, muitos hoje já no andar de cima, até porque muitos não quiseram ou disseram ter se esquecido de parte interessante das histórias narradas por aqueles que vivenciaram e participaram da época áurea do futebol campista oriundo das usinas de cana-de-açúcar.

5 – RESULTADOS FINAIS

Devido ao grande interesse e a descobertas de conteúdo ainda não explorado por pesquisadores locais, resolvemos transformar a base do projeto em Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), com o objetivo de poder, além de montar um acervo científico para a população, fazer, também, os moradores forasteiros que buscam conhecimento em nossa cidade, conhecer essa rica história, narrada por aqueles que ao partir, levam consigo uma bagagem imensurável de cultura local. Como este

projeto, buscamos dar voz e registros a todos que fizeram direta ou indiretamente, parte do futebol campista que fez nome em cenário nacional com diversos jogadores de raízes oriundas de canaviais.

Levantamos assim um acervo bibliográfico, para nós, satisfatório e um documentário que traz como personagens pessoas que vivenciaram à época das competições futebolísticas com clubes oriundos das Usinas de Cana de Açúcar e daqueles que lutam para que a essência dos clubes conhecidos como “da área rural” não se percam e que se tenha consciência da magia proporcionada naquela época de tanta riqueza para a minoria e nada para a maioria, sendo o futebol, sua forma de alegria e desafogo.

Acreditamos que, dessa forma, cumprimos, satisfatoriamente, os objetivos da pesquisa realizada, enfatizando-se a área bibliográfica e no trabalho realizado no campo. A partir deste instante, depois de muita luta, conseguimos conceber, dentro do que foi proposto, o inventário dos clubes de futebol criados, no tempo do apogeu da agroindústria sucroalcooleira do Município de Campos dos Goytacazes, no período compreendido entre os anos 40 a 70 do século passado.

REFERÊNCIAS

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Editora Universitária: São Paulo, 2003.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massa no século XX - O espírito do tempo*. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1987.

OURIVES, Paulo. *História do Futebol Campista*. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1970.

RIBEIRO, Pêris. *Didi – O Gênio da Folha Seca*. Rio de Janeiro: Editora Griphus, 1993.

RODRIGUES, Hervé Salgado. *Campos – Na Taba dos Goytacazes*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Rio de Janeiro, 1976.

SOUZA, Horácio. *Cyclo Áureo*. Campos dos Goytacazes: Essentia, 2011.

VEYNE, Marie Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: Editora da UnB, 2002.

RIBERIO, PÉris. *Em cima do Lance*. Campos dos Goytacazes: Editora Poema, 2001.

RIBEIRO, PÉris. *O Brasil e as Copas*. Rio de Janeiro: Editora Mitavaí, 1986.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita – Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

MURAD, Mauricio. *Para entender – A Violência no Futebol*. São Paulo: Editora Saraiva, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque; MEDEIROS, Jimmy; TEIXEIRA, Rosana Câmara. *A Voz das Arquibancadas*. Rio de Janeiro: Editora Viveiras de Castro, 2015.